36. Festival de Almada Organização: Câmara Municipal de Almada Companhia de Teatro de Almada O 4 - 18 de Julho 2019



A grande festa do teatro em Portugal: 24 gestos artísticos corajosos

ra aqui vamos nós pela 36.ª vez mas sempre como se fosse a primeira, com o mesmo entusiasmo, a mesma exigência de excelência – que espelhe a diversidade das formas teatrais que há no Mundo, que provoque o espanto, o pensamento, a emoção –, o mesmo desejo de oferecer ao público um momento excepcional de fruição artística. No menu que preparámos para este Festival de Almada de 2019 temos um pouco de tudo, sempre com arte, para degustar dia-a-dia e/ou para fazer escolhas.

Há as criações dos veteranos, de qualidades há muito confirmadas: Bob Wilson dirige Isabelle Huppert num espectáculo sobre a vida de Maria Stuart, rainha dos escoceses; *O Sonho* de Strindberg é encenado por Carlos Avilez (o artista homenageado deste ano), com a participação especial de Ruy de Carvalho (que o Festival homenageou em 2009); a actriz francesa Bulle Ogier vem ao Festival para, ao lado de Maria de Medeiros, compôr uma complexa dupla mãe-filha.

Uma nova criação da Companhia de Teatro de Almada, encenada por Rogério de Carvalho, apresenta pela primeira vez em Portugal a obra-prima de Primo Levi Se isto é um homem.

Há as criações pelas gerações mais novas: A Boda, de Brecht, numa encenação de Ricardo Aibéo; os ainda mais novos do Teatro da Cidade, com um texto novo; uma produção transnacional que junta criadores europeus e da América do Sul nascidos nos anos de 1980, texto novo, teatro novíssimo também.

Há ainda grandes espectáculos de rua, de teatro físico, de teatro-dança e/ou performance: A partida, pela performer catalã Vero Cendoya, na Praça São João Baptista, para todos, de acesso gratuito; Fahrenheit Ara Pacis, uma guerra transformada em festa pelos comediantes espanhóis do Xarxa Teatre; Franito, uma celebração teatral sobre a arte do flamenco; Uma luta de galos, vindos da Argentina para combaterem e se amarem; Estação Seca, espectáculo dirigido pela performer francesa Phia Ménard, estreado no Festival de Avignon do ano passado; Dr. Nest, votado pelo público de 2018 para Espectáculo de Honra de 2019, pelos alemães Familie Flöz.

Há como sempre a dança propriamente dita, este ano pelo coreógrafo congolês Andréya Ouamba, a partir de memórias pessoais de uma Brazzaville debaixo de fogo; e uma criação para a Companhia Nacional de Bailado assinada pelos coreógrafos portugueses João Penalva e Rui Lopes Graça.

Há também o teatro documental, simbolista, testemunhal: *Guerra e terebintina*, sobre a memória da I Grande Guerra, encenado por Jan Lauwers e com narração da actriz Viviane De Muynck; *Provisional Figures*, de Marco Martins, sobre a depredação da actual economia global.

E ainda Ésquilo – nascimento e morte da tragédia, por Rafael Alvarez (Espanha); Macbettu, um Macbeth vindo da Sardenha, por Alessandro Serra; o manifesto feminista As três sozinhas, de Anabela Almeida, Cláudia Gaiolas e Sílvia Filipe; Terror e Miséria, a partir de Brecht, encenado por António Pires; Lovers – Vencedores, de Brian Friel, pelo Teatro dos Aloés; Joana d'Arc, de e por Juni Dahr, no Seminário de São Paulo de Almada; e a encerrar o Festival um espectáculo de Commedia dell'Arte com texto de Mário Botequilha e encenação de Miguel Seabra.

24 gestos artísticos corajosos, por artistas implicados com o seu tempo e com as suas sociedades, com o outro, com a nossa humanidade bela e feia, com o nosso futuro. **Companhia de Teatro de Almada**

Dois grandes espectáculos de rua

No dia 5 de Julho, na Praça São João Baptista, em Almada, cinco jogadores de futebol e cinco bailarinas protagonizam um espectáculo sobre o futebol, o jogo mais popular do Mundo, arena de todas as paixões. Guiada por palavras sábias do já desaparecido jornalista e escritor uruguaio Eduardo Galeano, autor, entre muitas outras obras, do livro Futebol ao sol e à sombra, a performer catalã Vero Cendoya traz ao Festival de Almada A partida, um espectáculo que consegue a proeza de expor "ao sol" (ou resgatar da sombra), sem palavras e à noite, todos os significados deste jogo. Com entrada livre, contará com a participação de elementos da comunidade almadense. Daí a uma semana, à mesma hora e no mesmo lugar, os "escultores do fogo" do Xarxa Teatre (originários de Valência, Espanha), literalmente incendeiam a grande praça central de Almada, numa celebração festiva do uso da pólvora que lembra que existe alternativa à violência e à distopia. Fahrenheit Ara Pacis usa várias técnicas de cena, da pirotecnia aos efeitos de iluminação de grande espectacularidade como formas de metaforizar a transformação de uma sociedade agrária e festiva que acaba por sucumbir ao furor belicista, pois a cegueira do homem é o combustível da guerra.



A partida | 5 de Julho



Fahrenheit Ara Pacis | 12 de Julho

N.º 34 | FESTIVAL DE ALMADA 2019



Direcção editorial: Rodrigo Francisco e Teresa Gafeira; Edição executiva, tradução e revisão: Sarah Adamopoulos. Colaboraram nesta edição Ana Sousa Dias, Jorge Louraço Figueira, Luísa Roubaud e Sarah Adamopoulos (textos); Gonçalo Marto (design e paginação); Ana Patrícia Santos e Miguel Martins (apoio à produção editorial). Impressão: Grafedisport, impressão e artes gráficas, SA. Propriedade, distribuição e publicidade: CTA, CRL. Imagem da 36.ª edição do Festival de Almada e capa desta publicação: Luís Lázaro Matos

Teatro Municipal Joaquim Benite, Av. Prof. Egas Moniz, Almada Telefone: 21 273 93 60 | Fax: 21 273 93 67 | geral@ctalmada.pt www.ctalmada.pt | www.facebook.com/TeatroMunicipalAlmada

VENDA DE ASSINATURAS

GERAL = **75€**

Clube de Amigos do TMJB* = 60€

* Com cartão válido até 18 de Julho de 2019 ou posterior

Assinaturas à venda nas lojas FNAC, na bilheteira do TMJB e em www.ctalmada.pt

O "lugar exorbitante" da História na vida privada

Sarah Adamopoulos

A vida privada e a História reflectem-se mutuamente. Eis um espectáculo de teatro assente numa história verdadeira que é um estilhaço do nazismo — mas também uma emanação da História entre a França e a Alemanha. Transpõe para a cena a narrativa auto-biográfica homónima de Christine Angot, publicada em 2015.

• Elizabeth Carcatilo

Bulle Ogier e Maria de Medeiros em *Um amor impossível* | 7 e 8 de Julho

O pai morreu. A mãe não sente nada. A filha não aceita isso mas a mãe já tinha sentido tudo, chorado muito, e depois não restou nada. Proust, aparecido neste texto em dois momentinhos fugazes, lembra-nos a que ponto o desgosto é uma coisa que se arruina a si mesma, deixando ainda menos vestígios do que a beleza.

O pai morreu e a filha tinha imaginado que sentiria outra coisa, depois de tantos anos a desejar aquela morte. Algo parecido com uma libertação. Mas não: o que sente é o oposto disso: a prisão – perpétua? – de uma solidão atroz, ela que sempre se sentira sozinha, justamente por viver sozinha com a sua dor, sobre a qual não se falava, por não ser conveniente, nem para a mãe nem para uma sociedade que tornou burgueses até mesmo os mais pobres do povo, como a mãe fôra, com os consequentes prejuízos no plano da sanidade mental.

Schnitzler, que assistiu à germinação das grandes guerras mundiais, na Viena anti-semita a fingir que era outra coisa, trabalhou insistentemente este tema no seu teatro, demonstrando a que ponto a neurose é um problema dos burgueses que brotaram como cogumelos com os "progressos" da era da técnica. Pois o povo-povo, o que quer que isso queira dizer hoje em dia, atendendo ao nivelamento transversal construído pela globalização da economia, é constitutivamente mais são (ou era, antes da era do consumo).

A filha podia ser uma filha alemã, uma descendente dos nazis ou dos que se calaram e fingiram que não estava a acontecer nada, a braços com aquilo que Peter Stein (como todos os artistas tendo acesso a um outro patamar de consciência) esconjurou, matando simbolicamente o pai nazi através do seu teatro de arte. Um teatro que enfrentou o fardo que foi a Língua de Goethe para essa geração, nascida dir-se-ia para carregar a culpa dos pais. Felizmente há a arte chamada literatura e a arte chamada teatro.

A filha podia ser "só" uma filha alemã, uma neta dos alemães que executaram ou permitiram o Holocausto (vítimas daquele terrorismo de Estado), alguém que prefere que não se fale sobre esses assuntos, replicando o que lhe foi silenciosamente transmitido em casa. Não seria coisa pouca. Mas esta filha não é isso, mas outra coisa ainda: alguém nascida filha "de pai incógnito", que vive na sombra da mãe, ali escondida a pedir desculpa por existir, até mesmo depois de o pai a ter perfilhado – já um pouco tardiamente, por pressão da mãe.

Incapaz de ser a pessoa dela, espaço ocupado "pelo lugar exorbitante" (assim mesmo o diz) que a mãe toma dentro dela (tendo transferido para a filha os seus próprios problemas, jamais resolvidos), perturbada não apenas pela circunstância de ser o fruto proibido de um amor impossível entre uma judia pobre e um alemão rico, anti-semita e perpetuamente indignado com o facto de os judeus se terem apropriado de um país, mas também (e não pouco) por ter sido ao longo de vários anos violada (sodomizada, atente-se) pelo pai, a filha torna-se escritora. Felizmente há a literatura.

Este espectáculo (que é também uma emanação da História entre a França e a Alemanha) transpõe para a cena a narrativa auto-biográfica homónima de Christine Angot (n. 1959), publicada em 2015. Célie Pauthe (n. 1975) encenou e dirigiu a actriz veterana Bulle Ogier (n. 1939) e a "nossa" internacional Maria de Medeiros (n. 1965). Se todas tivessem nascido há menos tempo talvez este espectáculo não fosse possível, pois há nele uma maturidade que emana também da experiência vivencial de quem sabe na pele que a História com H grande (pública) e a história com h pequeno (privada) são uma mesma realidade. Onde se não no teatro (théatron), o lugar de onde se vê (em conjunto, como na igreja, o que muda tudo) isso poderia ser exposto com tanta clareza?

A PRESENÇA PORTUGUESA NO FESTIVAL

Os espíritos da Europa encontram-se em Portugal

Jorge Louraço Figueira

A selecção de teatro escrito, concebido, dirigido e/ou interpretado por portugueses faz prova de diversidade. Textos de autores maiores da literatura dramática estão lado a lado com projectos de escrita colectiva ou de criação comunitária.

festa começa em Almada no Palco Grande, dia 4 de Julho, com uma encenação de *A Boda*, de Bertolt Brecht, mais conhecida como *A Boda dos Pequenos Burgueses* (*Die Kleinbürgerhochzeit*). Escrita há cem anos, em 1919, logo a seguir à Primeira Grande Guerra, a peça mostra como se desfazem as ilusões de um casamento feliz, para isso desfazendo até a mobília nova da casa dos noivos, como escreveu Vera San Payo de Lemos, a tradutora (juntamente com Jorge Silva Melo) desta versão, na introdução ao primeiro volume das obras completas de Brecht. A encenação de Ricardo Aibéo – com David Almeida, Dinis Gomes, Duarte Guimarães, Luís Lima Barreto, Márcia Breia, Rita Durão, Rita Loureiro, Sofia Marques e João Craveiro, antigos colaboradores do Teatro da Cornucópia – é ao mesmo tempo um estudo sobre a herança e o futuro dessa família alargada que é a Cornucópia e uma análise do fraco consolo proporcionado por casamentos e copos d'água, hoje em dia, às mais variadas classes sociais.

Trabalhos

A Boda e Se Isto é um Homem evocam a primeira e a segunda guerras mundiais, respectivamente, e cada um dos dois espectáculos assinala um centenário em particular: os cem anos da peça de Brecht; e o ano de nascimento de Primo Levi. *Provisional Figures*, de Marco Martins é, pelo contrário, um espectáculo sobre o caso particular e actual da migração laboral para uma localidade de Inglaterra, Great Yarmouth, onde se concentra alguma indústria alimentar. Estreado em 2018, o espectáculo é fruto de dois anos de pesquisa e recolha junto da comunidade portuguesa daquela vila, mas inclui trabalhadores de outras origens. A peça é interpretada pelos próprios migrantes, tendo sido criada a partir dos seus testemunhos pessoais: Peter Dewar, Richard Raymond, Robert Elliot e Victoria River, de Inglaterra; Ivan Ammon, da Eslovénia; Pedro Cassimo, de Moçambique; Ana Moreira, Maria do Carmo Ferreira e Sérgio Cardoso de Pinho, de Portugal. Apresenta-se na Incrível Almadense, de 5 a 7 de Julho.

A segunda aparição de Brecht nesta selecção de espectáculos portugueses, depois de *A Boda*, é com *Terror e Miséria*, a encenação que António Pires fez de cerca de metade das vinte e tal pequenas peças que compõem o conjunto *Terror e Miséria no Terceiro Reich* (*Furcht un Elend des Dritten Reiches*), aliás raramente feito na íntegra. Este *Terror e Miséria* tem mais a ver com *Provisional Figures* do que com a farsesca *Boda* ou o trágico *Se Isto é um Homem*, se considerarmos o modo como se relacionou com os acontecimentos contemporâneos. Escrita com carácter de urgência, entre 1935 e 1938, estando o autor já exilado, e retratando a ascensão do nazismo em tempo real, o texto foi pensado para ser feito em contextos informais, por grupos de teatro não profissionais, com o objectivo declarado de denunciar o nazismo. A montagem inclui algumas das mais conhecidas peças curtas do original, como *A Judia*, aqui feita por Inês Castel-Branco e Rafael Fonseca; ou *O Agente*, com Carolina Serrão e Adriano Luz. O espectáculo é apresentado a 12 de Julho no Palco Grande do Festival, em Almada.

Entre a urgência dos acontecimentos actuais, por um lado, e o tratamento da História, por outro, há um espectáculo que mostra um caminho mais abrangente: *As Três Sozinhas*, de 4 a 14 de Julho, na Sala Estúdio do TNDMII, em Lisboa, evoca a memória das dezenas de mulheres que lutaram pelos seus direitos, ao mesmo tempo que mostra as várias facetas do feminismo contemporâneo. Anabela Almeida, Cláudia Gaiolas e Sílvia Filipe estão, na verdade, muito bem acompanhadas,

pelas vozes das mulheres que atravessaram os séculos defendendo a igualdade. Elas são as descendentes das bruxas que não arderam no fogo da Inquisição, mas desta vez quem fica a arder não são elas.

Amores

Vencedores (Lovers), do dramaturgo irlandês Brian Friel, é uma peça com duas partes distintas. Na primeira, Vencedores, um homem e uma mulher anónimos narram a história de um casal de adolescentes que, tendo sido expulsos da escola devido à gravidez dela, acabam por apanhar um barco num lago e afogar-se, ficando no ar a dúvida se terá sido acidente ou suicídio. Na segunda parte, Perdedores, a peça mostra um casal de meia-idade a tentar salvar a relação, mas sem sucesso. Contrastando os vencedores e perdedores no jogo do amor e do casamento, o Teatro dos Aloés faz uma revisão da opressão religiosa sobre a liberdade sexual. A peça apresenta-se em Almada, no Fórum Romeu Correia, nos dias 9 e 11 de Julho.

O espectáculo do Teatro da Cidade, *que boa ideia, virmos para as montanhas*, de Guilherme Gomes, tem como ponto de partida aquela famosa canção de Leonard Cohen em que o poeta canadiano se dirige ao amante da esposa, agradecendo-lhe por ter tirado dos olhos dela uma infelicidade que parecia eterna. A situação é a do confronto final, numa dada noite, entre as três partes de um jovem triângulo amoroso, no caso interpretado por Guilherme Gomes, Nídia Roque e Rita Cabaço. O espectáculo pode ser visto no Teatro-Estúdio António Assunção, em Almada, de 12 a 14 de Julho.

A arte do encenador Carlos Avilez, o homenageado deste ano, pode ser admirada na criação de *O Sonho*, de Stringberg, numa versão de Graça P. Corrêa, com Ruy de Carvalho, que estará o mês de Julho inteiro no Teatro Experimental de Cascais. Em cena, além do decano dos actores portugueses, estarão também Miguel Amorim, Luiz Rizo, Renato Pino, Sérgio Silva e Teresa Côrte-Real, e ainda os alunos da Escola Profissional de Teatro de Cascais.

A festa fecha, a 18, no Palco Grande de Almada, com *Feira dell'Arte*, de Mário Botequilha, uma encenação de Miguel Seabra com interpretação de Emanuel Arada e Rosinda Costa, na senda das variações sobre a *Commedia dell'Arte* que o Teatro Meridional tem feito. A fábula é emoldurada por *roullotes* de farturas, tendas de artesanato e o tablado de uma dupla de comediantes. Naqueles parcos metros quadrados, serão expostas as relações de dependência e exploração das figuras da *Commedia*: Pantalones, Colombinas, Zannis, Isabelas e Flávios. Mas, apesar da forma antiga, os conteúdos são do presente. A ganância e a avareza típicas das personagens servem para revelar os mesmos comportamentos em pessoas reais, reconhecíveis, famosas e poderosas do nosso tempo, em Portugal e em todo o lado.

Os assuntos de cada peça são diversos: da primeira à segunda grandes guerras, passando pela ascensão do nazismo, até ao mundo dos trabalhadores e à luta das mulheres, seus sonhos, humores e amores, há de tudo, como na feira do espectáculo de encerramento. Apesar disso, podemos especular que um tema é recorrente: a denúncia das mentiras colectivas. As aparências do amor e do casamento, da civilização europeia, até da humanidade, e mesmo (ou principalmente) da ideia de grupo de teatro, são desmascaradas, à vez, pelos vários espectáculos. A denúncia nem sempre é óbvia, há que ler nas entrelinhas; mas espírito crítico não falta a este festival.



A boda | 4 de Julho



Provisional figures | 5 a 7 de Julho



Osonho | 5 a 18 de Julho



As três sozinhas | 5 a 14 de Julho



que boa ideia, virmos para as montanhas | 12 a 14 de Julho



Lovers — Vencedores | 9 e 11 de Julho



Terror e miséria | 12 de Julho



Feira dell'arte | 18 de Julho

Festival de Almada homenageia Carlos Avilez

Estreado em 1956, sob a direcção de Francisco Ribeiro (o Ribeirinho), Carlos Avilez tem uma carreira única e irrepetível. Fundador do TEC – Teatro Experimental de Cascais (em 1965) e da mais recente Escola Profissional de Teatro de Cascais, que dirige, foi distinguido já com várias honras e prémios de prestígio. Uma exposição de homenagem e uma exposição documental, ambas concebidas e assinadas por José Manuel Castanheira, celebram a obra do encenador e pedagogo do teatro.



Primo Levi sobe à cena

O segundo espectáculo português do Festival trata do sofrimento total e verdadeiro vivido no campo de concentração de Auschwitz-Birkenau, tal como foi narrado por Primo Levi no livro Se Isto é um Homem (Se Questo è un Uomo), de 1947, «Fui capturado pela milícia fascista a 13 de Dezembro de 1943», eis as palavras com que começa o texto. Nos últimos anos da Segunda Grande Guerra, já com Itália ocupada pelos Aliados, Mussolini liderou na região norte do país, controlada pelos Nazis, um pequeno Estado auto-denominado República Social Italiana, mais conhecida por República de Salò. Levi e alguns companheiros igualmente inexperientes, tal como o escritor relata, tinham criado uma brigada de partigiani para se juntarem à Resistência, mas caíram nas mãos de uma milícia, «Naguele tempo, ainda ninguém me ensinara a doutrina (...), segundo a qual a primeira tarefa do homem é tentar alcançar os seus objectivos com meios adequados, e quem errar, paga; por isso não posso deixar de considerar justo o sucessivo desenrolar dos acontecimentos», conclui o autor logo nos primeiros parágrafos. Nascido em 1919, e desaparecido em 1987, provavelmente por suicídio, Levi tinha já morrido em Auschwitz, quarenta anos antes, disse o escritor Elie Wiesel.

Com interpretação de Cláudio da Silva, encenação de Rogério de Carvalho e cenografia de Manuel Graça Dias e Egas José Vieira, esta é, em Portugal, a primeira adaptação para teatro da obra de Primo Levi. O espectáculo, uma produção da Companhia de Teatro de Almada, estreia a 5 de Julho na Sala Experimental do Teatro Municipal Joaquim Benite e fica em cena até ao fim do Festival.



Cláudio da Silva em *Se isto é um homem* | 5 a 18 de Julho

«As palavras e o mundo na herança de Primo Levi»: integrados no Ciclo Primo Levi, que o Festival de Almada organiza no ano da comemoração do centenário do nascimento do escritor italiano, os Encontros da Cerca recebem este ano um conjunto de eminentes individualidades, portuguesas e estrangeiras: António Martins, Esther Mucznik, Giovanni Tesio, Martina Mengoni, Ricardo Presumido e Rogério de Carvalho evocam a memória do Holocausto. O Encontro conta com a colaboração da Memoshoa (Associação Memória e Ensino do Holocausto) e o apoio do Instituto Italiano de Cultura de Lisboa.

Prodigiosa Isabelle

Ana Sousa Dias

É uma mulher de combate, a Mary Stuart que vai morrer. Isabelle Huppert dá-lhe corpo mas não vai pedir-nos piedade, não vai dar-nos piedade. O trabalho do encenador Bob Wilson também não vai poupar-nos, vai obrigar-nos a acompanhar cada palavra, cada gesto, com tal tensão que não sabemos se cada minuto é rápido ou é lento.

la está sozinha no palco e no início parece um jogo de sombras, uma figura imóvel recortada sobre um fundo de luz. A voz ocupa o vazio, a espera, e depois a mulher há-de começar a mover-se e será alucinante o seu percurso, o seu discurso, a absorver o nosso olhar focado nela. Prodigiosa Isabelle Huppert.

A primeira sensação é de reconhecimento. Aquela mesma actriz no palco da Culturgest, imóvel do início ao fim da peça em *4.48 Psicose*, de Sarah Kane, dirigida por Claude Régy, em 2003. Um quase imperceptível movimento dos dedos das mãos permitia à actriz suportar a imobilidade. Mas *Mary said what she said* não é essa desistência, essa depressão de braços caídos antes do suicídio. Agora, Isabelle é Mary Stuart, rainha de França e rainha da Escócia, a desafiar tudo e todos na véspera da sua execução em Inglaterra por ordem da sua prima Elizabeth Tudor. Diz a lenda que foram necessários vários golpes no pescoço e que a boca continuou a mexer-se mesmo quando o carrasco exibiu a cabeça cortada. Ela vai mover-se até depois do fim, nada há de desistente nesta personagem criada por Darryl Pinckney e encenada por Bob Wilson.

Quem está diante de nós é uma mulher orgulhosa a recordar os combates, as honrarias, os amores e as traições dos seus 45 anos de vida, 19 dos quais em cativeiro. Diz ela: "Não estava sentada sobre uma pedra quando me fizeram prisioneira. Estava montada no meu cavalo. O meu estandarte flutuava ao vento". O testamento que vai fazendo – todas as semanas faz o seu testamento, diz Mary – contém recomendações sobre as pessoas que lhe foram fiéis até ao fim, as várias Marias, e presságios terríveis sobre o que vai acontecer com o seu filho.

É uma mulher de combate a Mary Stuart que vai morrer. Isabelle Huppert dá-lhe corpo mas não vai pedir-nos piedade, não vai dar-nos piedade. O texto de Darryl é uma alucinação com avanços e recuos, um monólogo entrecortado por esse outro monólogo que são as cartas por ela escritas nos tempos de cativeiro. O trabalho do encenador Bob Wilson também não vai poupar-nos, vai obrigar-nos a acompanhar cada palavra, cada gesto, com tal tensão que não sabemos se cada minuto é rápido ou é lento. A actriz vai dizê-lo a uma velocidade vertiginosa, uma hora e meia em três actos, e no terceiro vai esgotar-nos a atravessar o palco em diagonal, para a frente e para trás, numa energia bruta e controlada, sempre enfrentando o nosso olhar. Ela sozinha a desfiar acusações, a recordar o filho que lhe foi retirado, a exigir ser poupada – jamais a suplicar perdão: "Sou santa e mereço ser preservada". Chamaram-lhe feiticeira, ela reclama a santidade. "Os homens amam-me, sempre me amaram, as mulheres rancorosas tomam-me por uma feiticeira. Que elas saibam então que na minha feiticaria existe uma delicadeza."

Na apresentação da temporada do Théâtre de la Ville, onde a peça foi estreada no passado dia 22 de Maio, Bob Wilson falara de Huppert, antes mesmo de terem começado a ensaiar. Foi muito claro: só ela po-

dia interpretar este papel, nenhuma outra actriz – nem mesmo Meryl Streep, vincou – saberia desempenhar esta abstracção, cumprir esta disciplina implacável, despida de qualquer facilidade naturalista. Já tinha feito com ela *Orlando*, de Virginia Wolf, e *Quarteto* de Heiner Muller. Sabia o que podiam criar em conjunto e nem sequer tinha, na altura da apresentação, trabalhado muito sobre o texto. Estava à espera do encontro mágico com Isabelle.

O jogo de luz vai acompanhar toda a representação, sublinhada pela música envolvente de Ludovico Einaudi. Mais uma vez, não há tempo para um repouso, uma doçura. A música nunca ultrapassa a voz, ora ao vivo, ora gravada, mas acentua a dureza das palavras. Estamos no século XVI, o vestido escuro indica-nos esse facto, e ouvimos uma história mil vezes contada, mil vezes interpretada. A mulher que se casou três vezes (a primeira aos seis anos), foi duas vezes rainha ("fui rainha por casamento e fui rainha por sacramento"), viveu entre guerras e assassínios, enredada em disputas de católicos e protestantes e em intrigas de poder. E que tudo perdeu pelo amor de um homem e pela desconfiança de uma mulher – a rainha Elizabeth Tudor. "Nunca vi o meu filho andar. Foram tantos anos de discórdia. Deus decretou que o meu filho não tivesse memória do rosto da sua mãe." O seu filho será rei e a sua dinastia sobreviverá 200 anos.

Tal como Isabelle Huppert já conhece Portugal, depois de várias estadias – interpretando personagens em teatro e em cinema, participando em festivais –, também Bob Wilson não estará na sua primeira visita ao País. Foi ele o encenador de O Corvo Branco, a ópera que a Expo'98 encomendou a Phillip Glass, com libreto de Luísa Costa Gomes. Esta foi uma obra atribulada e que teve muito poucas representações, já que, depois de três noites no Teatro Camões, em finais de Setembro de 1998, pisou o palco do Teatro Real de Madrid e teve uma fugaz vida em Nova Iorque, três anos depois. O encenador é também coreógrafo, escultor, pintor, dramaturgo, e desde os anos de 1960 que vem a Portugal. Conhece as salas do Teatro Nacional de São Carlos, do Teatro Nacional D. Maria II, do Centro Cultural de Belém, do Rivoli, expôs na galeria de Luís Serpa e na colecção Ellipse. Para o músico Ludovico Einaudi também o nosso país é um lugar conhecido, sobretudo depois da colaboração cinéfila com Rodrigo Leão, concretizada em composições, gravações e muitos concertos. Juntar estes três criadores em torno de um texto excepcional só poderia resultar num espectáculo inesquecível, que esgota o público como não pode deixar de esgotar a actriz. É isso que vamos poder saborear no Grande Auditório do Centro Cultural de Belém, nos dias 12 e 13 de Julho, nesta celebração do teatro que o Festival de Almada nos oferece.

"Estou tão longe sobre a terra. Movo-me tão depressa. Estou a mover-me tão depressa. Não sou real. Eles adoram a sua Rainha. Sou uma linha direita. As pessoas espantam-se. Ela é um verdadeiro príncipe, a única Maria. Eu sou a surpresa. Adeus França" – assim se despede Mary nas palavras que por ela escreveu Darryl Pinckney. A surpresa, sim.



Isabelle Huppert em Mary Said What She Said, com encenação de Robert Wilson, música de Ludovico Einaudi e texto de Darryl Pinckney | 12 e 13 de Julho

Quatro danças para exorcizar o patriarcado

Luísa Roubaud

Há um fio invisível a coser as quatro peças de dança que o Festival de Almada apresenta este ano: a questão do poder e violência patriarcais e das normatividades de género atravessam, com maior ou menor evidência, as obras que nos chegam desde quatro países e três continentes.



Uma luta de galos | 10 de Julho

m *Uma luta de galos* (Argentina), *performance* em digressão pelo Mundo desde 2008 com extraordinário êxito, uma dupla de intérpretes, dirigida por Hermes Gaido, desafia os estereótipos da masculinidade; a francesa Phia Ménard, artista transgénero em ascensão na cena internacional, mergulha, em *Estação seca*, na violência e desigualdades de género; nome hoje proeminente no continente africano, o coreógrafo e bailarino congolês Andréya Ouamba reflecte, em *Do que é que somos feitos?*, obra produzida entre Paris e Dakar, sobre como a autoridade patriarcal se reproduz nos sistemas políticos; finalmente, a reposição de *Quinze bailarinos e tempo incerto* (Companhia Nacional de Bailado, 2016) fruto do primeiro e feliz encontro entre o coreógrafo Rui Lopes Graça e o artista plástico João Penalva, mostra-nos como a estética do movimento abstracto pode acentuar a dissociabilidade entre corpo e género.

A velha fortaleza que desaba, apodrecida desde o interior

Do que é que somos feitos? (16 de Julho, Almada, Escola D. António da Costa), pergunta-nos Andréya Ouamba (Congo Brazzaville, 1975), a partir de memórias da relação com a autoridade paternal e de uma vida passada entre a África Ocidental e a Europa. Ao convocar os resquícios da opressão colonial, as guerras civis, a submissão à norma patriarcal tradicional, ou o desfavor da condição de emigrante na Europa, não é sobre o sujeito dilacerado a tentar emergir por entre múltiplos condicionalismos de poder que nos quer contar, mas sobre o seu Congo natal, a África e suas fatalidades. O que teremos em palco é um solo a várias vozes. Um pungente mas sereno grito de revolta. Narrativas autobiográficas saídas da improvisação, crónicas políticas ou de recônditos lugarejos, monólogos, diálogos e textos poéticos, integram esta dança onde se juntam em cena, como co-criadores, a bailarina Clarisse Sagna, o músico Press Mayindou e o escritor camaronês Kouam Tawa, também no papel de diseur (direcção de Catherine Boskowitz). Este nexo entre a dominação patriarcal, que o círculo familiar repercute e os regimes políticos autoritários e paternalistas prolongam, configura a herança mental e moral de uma certa realidade africana que a Europa tem dificuldade em entender.

Em Estação Seca (13 e 14 de Julho, Teatro Municipal de Almada), Phia Ménard (Nantes, 1971) desenvolve outro ponto de vista sobre o patriarcado, Traduz, nos termos do século XXI, a ideia de Simone de Beauvoir de que «on ne nait pas femme, on le devient» [não nascemos mulher, tornamo-nos]. Ménard foi educada como homem e agora é uma mulher. Ao ter transitado de um universo para o outro, afirmava, durante o Festival de Avignon de 2018, onde a peça foi acolhida com longas ovações de pé, ser "uma tradutora de códigos adquiridos pela aprendizagem da masculinidade e da feminilidade". Em cena, sete mulheres semidesnudas de curtos vestidos brancos de meninas púberes, expostas entre paredes de alvura bíblica, quase esmagadas sob a rigidez opressiva de um tecto móvel, metamorfosear--se-ão em machos triunfantes. A envolvente cénica ganhará, então, uma maleabilidade viscosa e flexível, imagem da destruição da fortaleza patriarcal. O desígnio da sororidade leva a fundadora da Compagnie Non Nova – do latim, non nova sed nove, ou seja "não inventámos nada, vemos de forma diferente" –, sediada num velho armazém de cablagem nos cinzentos arredores industriais de Nantes, a escolher as suas intérpretes, não através de audições, mas pela personalidade forte e disponível para aventuras extremas. O feminismo de Ménard é militante, mas quer permitir-se ser entendido. Defronta, pois, um repto: ser alternativa ao maniqueísmo a que tendem os debates sobre o género, e a um feminismo que se apresente como mais um "desporto de combate".

Subverter arquétipos de género

E é de desportos de combates e das ambiguidades dos machos triunfantes a destilar testosterona que trata *Uma luta de galos* (10 de Julho, *Almada*, Escola D. António da Costa). Curioso fenómeno de sucesso, nascido de um pequeno número de variedades (no *Centro Cultural Laburatório*, Buenos Aires, 2008) que se desenvolveu dramaturgicamente, sob direcção do encenador Hermes Gaido, numa linguagem híbrida, com elementos de dança, acrobacia, desporto, artes marciais e teatro físico. De indumentária de treino, Luciano Rosso (bailarino e coreógrafo multifacetado, e *youtuber* famoso) e Nicolas Poggi (bailarino e coreógrafo co-autor desta coreografia), que substitui nesta apresentação Alfonso Barón (desportista de alta competição reconvertido em actor e bailarino) cruzam-se no balneário de um clube desportivo. *Naives* e mordazes, os dois homens entregam-se com virtuosismo, versatilidade e humor a um confronto físico silencioso, onde exploram matizes da masculinidade e seus *clichés*: exibições de virilidade, competição e o desejo erótico latente. Ao trazer visibilidade a cambiantes da masculinidade socialmente silenciadas é, afinal, sobre os rituais de aproximação e afastamento entre dois seres que se procuram entender e relacionar que a performance nos quer falar.

Em Quinze bailarinos e tempo incerto (17 e 18 de Julho, Teatro Municipal de Almada) as questões de género parecerão não estar na primeira linha. Mas esta coreografia declaradamente abstracta teve no imaginário dos ballets blancs do século XIX o seu gatilho, depurando-o na sua essência formal: coleantes malhas brancas unissexo, em vez dos vaporosos e alvos tutus das bailarinas e da indumentária principesca dos bailarinos clássicos; retêm-se a clareza cartesiana das linhas baléticas e a atmosfera obscura e onírica da dança da época, para lhes acrescentar, em cascata, dinâmicas e traços idiomáticos que conferem à peça, com a magnífica sonoplastia (David Cunningham) e luminotecnia (Nuno Meira), um carácter próprio, coeso e encantatório. Diz-se que a identidade sexual é inerente ao corpo. Esta dança, ao dissolver os papéis de género, contém no seu subtexto uma declaração que sinaliza os tempos que correm. Proposta bem adequada ao elenco da CNB, o bem-sucedido primeiro encontro criativo de Lopes Graça (Torres Novas, 1964) com o multifacetado João Penalva (Lisboa, 1949) – um inesperado regresso à dança, foi bailarino de Pina Bausch, Gerhard Bohner e Jean Pomares nos anos 70 – para a concepção de cenário e figurinos, teve nova edição este ano, com Annette, Adele, e Lee (CNB, no Teatro Municipal de Almada, em Maio passado).

"Performar" os novos sentidos da História

Entre América do Sul, Europa e África, este naipe de peças é um mosaico de como as identidades de género estão em transformação e do quanto a questão é transversal à criação artística e às sociedades de hoje. Durante a pesquisa para Estação Seca, Phia Ménard cruzou-se com o filme Les Maîtres fous (1955) do cineasta e etnólogo francês Jean Rouch (1917-2004, um dos expoentes do cinéma verité) sobre os rituais de transe Hauka (Acra, Gana), onde os participantes incarnavam os colonos da época a fim de exorcizar a submissão colonial. Relações de poder (e de género), diz-nos Desmond (Desmond, Jane C. (ed). Meaning in Motion: New Cultural Studies of Dance. Durham, NC: Duke University Press. 1997), operam pela interiorização de modelagens sociais experienciadas, antes de tudo, pelo próprio corpo; é através do movimento do corpo que as identidades são sinalizadas, formadas, negociadas ou confrontadas. Todo o acto performativo tem, assim, um profundo significado cultural. Com as danças de Andréya Ouamba, Phia Ménard, Hermes Gaido, Lopes Graça & Penalva, percebemos as diferentes velocidades e direcções a que estão a ocorrer mudanças nos sentidos da História. Oriundas de lugares tão distintos, as peças que o Festival nos traz este ano, além de mostrarem nomes menos conhecidos nos circuitos portugueses das artes performativas, ajudam-nos a pensar o mundo contemporâneo.



Quinze bailarinos e tempo incerto | 17 e 18 de Julho



Do que é que somos feitos? | 16 de Julho



Estação Seca | 13 e 14 de Julho

O Festival de Almada é conhecido e reconhecido também pela programação extra-espec-

O Festival de Almada é conhecido e reconhecido também pela programação extra-espectáculos. Os Actos Complementares são uma parte importante do Festival, abrangendo colóquios informais (com presença dos artistas e moderação por críticos e especialistas) na Esplanada do recinto do Festival, encontros internacionais na Casa da Cerca, exposições de artes plásticas, exposições documentais e de homenagem, etc. Consultar o programa do Festival para informação detalhada sobre esta programação que dialoga com os espectáculos.

O século XX é impossível de compreender

"Adaptar um romance para teatro é um empreendimento delicado e cheio de riscos. Lembra-me sempre aguela velha anedota sobre o padre que, no momento de estar a deixar a sala de cinema depois de ter ido ver o filme de Hollywood A Bíblia resmungou que "O livro continua a ser melhor"... O livro Guerra e Terebintina tem a particularidade não apenas de ter sido escrito por um querido amigo meu mas também de ser um sucesso de vendas, o que torna tudo ainda mais perigoso. Guerra e Terebintina é para Stefan Hertmans o que *O quarto de Isabella* [espectáculo de Jan Lauwers apresentado no Festival de Almada no ano passado] é para mim: um marco no nosso percurso. Ambos os trabalhos são sobre a nossa própria família, no seu caso um avô, no meu caso um pai. Talvez tenha sido por isso que me aventurei a fazê-lo: por, saber que estamos a viver um tempo em que a arte precisa de reclamar o seu lugar no coração do espaço público. Ao contarmos as nossas histórias pessoais, resgatamo-nos com esforco à torre de marfim que habitámos, encantados da vida, no século passado. Mas o que é uma adaptação? Reduzir 400 páginas a 40, eis, posto de uma forma simples. Destruir 9 em cada 10 páginas. Tentar fazer uma performance de duas horas através da mutilação de uma obra-prima. Eu estava quase demasiado

consciente disso. Ao distanciar-me de um livro interessante, procurei fazer uma peça de teatro interessante. Do meu ponto de vista, a verdadeira tragédia do livro reside no facto de que o século XX é impossível de compreender. O herói desta história precisa de ser compreendido à luz disto que digo. Ele está despedaçado pelos horrores do século XX." Jan Lauwers



Guerra e Terebintina | 6 e 7 de Julho

















Franito é uma homenagem burlesca à arte do flamenco

"O que me agradou imediatamente em Fran Espinosa é a alquimia entre o seu talento, o seu físico e a sua personalidade. Longe da imagem habitual do bailador de flamenco esguio e sombrio, Fran parece ter saído de um quadro de Botero. A sua alegria, o seu sentido de humor e a sua generosidade seduzem de modo imediato. Acompanhados pelo seu guitarrista, Cédric Diot, somos três em cena para contar a relação por vezes complicada entre uma mãe espanhola e o seu filho-prodígio." Patrice Thibaud



Franito | 6 de Julho

Joana d'Arc no Seminário de Frei Luís de Sousa

A actriz e encenadora norueguesa Juni Dahr regressa a Almada para novamente se apresentar num espaço não convencional. No Seminário de São Paulo de Almada (o de *Frei Luís de Sousa* de Garrett), Dahr encarna Joana d'Arc, a filha de um camponês francês do século XV que ouvia vozes e foi acusada de bruxaria. Condenada, seria queimada viva na fogueira dos hereges. O espectáculo baseia-se em textos escritos pela própria Joana d'Arc e em registos remanescentes das palavras que terá proferido durante o seu julgamento.



Juni Dahr em *Joana d'Arc* | 15 a 17 de Julho

Eu também vou ao Festival!

Noite das crianças a 9 de Julho

Este ano o Festival abre a sua programação aos mais pequenos e convida as crianças para uma noite que lhes é dedicada, com um espectáculo expressamente criado para elas e que é feito com elas: um concerto interactivo! *Porque voa o tempo?*, com concepção, composição e direcção musical de Nuno Cintrão, convida a mergulhar numa experiência sonora que propõe diferentes sensações do tempo e a participação na criação de momentos sonoros irrepetíveis. Quatro músicos e uma plateia cheia de crianças, juntos num concerto que promete fazer o tempo voar.



O sentido dos mestres: actuação com m<u>áscara</u>

Hajo Schüler, director artístico do grupo alemão Familie Flöz, que apresenta o Espectáculo de Honra desta edição do Festival (*Dr. Nest*), dirige a 6.ª edição do curso *O sentido dos Mestres*, este ano dedicado à actuação com máscara.



CAETANO FORMULA O SEU CONCESSIONÁRIO RENAULT. **TRANSPORMINATION** **TRANSPORMINATION** **TRANSPORMULA** **TRANSPORM

Caetano Formula

Almada (IC20 Saída Universidade): Caminho de Possolos, 1, 2825-043 Monte da Caparica Tel.: 212 949 310 Barreiro (Palhais): Quinta dos Moinhos, 2830-222 Barreiro Tel.: 211 950 542 www.caetanoformula.pt



SUL — ASSOCIAÇÃO CULTURAL E ARTÍSTICA

A boda

De Bertolt Brecht | Encenação de Ricardo Aibéo

ESCOLA D. ANTÓNIO DA COSTA

ARENA ENSEMBLE

Provisional figures

Ideia original de **Renzo Barsotti** Dramaturgia e encenação de **Marco Martins**

INCRÍVEL ALMADENSE

TEC – TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS

O sonho

De August Strindberg | Encenação de Carlos Avilez Sex. 5, Sáb. 6, Ter. 9, Qua. 10, Qui. 11, Sex. 12 e Sáb. 13 > 21h

TEATRO MUNICIPAL MIRITA CASIMIRO

COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA

Se isto é um homem

De **Primo Levi**

Dramaturgia e encenação de Rogério de Carvalho Sex. 5, Ter. 9, Qui. 11, Seg. 15 e Qua. 17 > 21h30

TEATRO MUNICIPAL JOAQUIM BENITE

TEATRO MEIA VOLTA E DEPOIS À ESQUERDA QUANDO EU DISSER

As três sozinh<u>as</u>

Uma criação de **Anabela Almeida**, **Cláudia Gaiolas** e **Sílvia Filipe** Sex. 5, Qui. 11 e Sex. 12 > 21h30 Sáh. 6, Qua. 10 e Sáb. 13 > 19h30 | Dom. 7 e Dom. 14 > 16h30

TEATRO NACIONAL D. MARIA II

VERO CENDOYA DANCE CO.

A partida

rafia e encenacão de **Vero Cendova**

PRAÇA SÃO JOÃO BAPTISTA

NEEDCOMPANY

Guerra e terebintina

De **Stefan Hertmans** | Adaptação e encenação de **Jan Lauwers**

TEATRO NACIONAL D. MARIA II

THÉÂTRE DE NÎMES

Franito

cenação de Patrice Thibaud e Jean-Marc Bihour

ESCOLA D. ANTÓNIO DA COSTA

CENTRE DRAMATIQUE NATIONAL BESANÇON FRANCHE-COMTÉ

Um amor impossível

De **Christine Angot** | Encenação de **Célie Pauthe** Com **Bulle Ogier** e **Maria de Medeiros**

TEATRO MUNICIPAL JOAQUIM BENITE

COMPANHIA RAFAEL ÁLVAREZ "EL BRUJO"

Esquilo, nascimento e morte da tragédia

. Adaptação e encenação de **Rafael Álvarez**, "El Brujo"

ESCOLA D. ANTÓNIO DA COSTA

TEATRO DOS ALOÉS

Lovers – Vencedores

De Brian Friel | Encenação de Jorge Silva **FÓRUM ROMEU CORREIA**

SARDEGNA TEATRO E COMPAGNIA TEATROPERSONA

Macbettu

A partir de Macbeth de **William Shakespeare** Encenação de **Alessandro Serra**

TEATRO NACIONAL D. MARIA II

Uma luta de galos

Encenação de Hermes Gaido Coreografia de Luciano Rosso e Nicolás Poggi

ESCOLA D. ANTÓNIO DA COSTA

TEATRO DA CIDADE

que boa ideia, virmos para as montanhas

Texto e encenação de **Guilherme Gomes**

TEATRO-ESTÚDIO ANTÓNIO ASSUNÇÃO

THÉÂTRE DE LA VILLE

Mary disse o que disse

De **Darryl Pinckney** | Encenação de **Robert Wilson** Com **Isabelle Huppert**

CENTRO CULTURAL DE BELÉM

AR DE FILMES / TEATRO DO BAIRRO

Terror e miséria

De Bertolt Brecht | Encenação de António Pires

ESCOLA D. ANTÓNIO DA COSTA

Fahrenheit Ara Pacis

De **Vicent Martí Xar** Direcção artística de **Leandre Escamilla** e **Manuel Vilanova**

PRAÇA SÃO JOÃO BAPTISTA

COMPAGNIE NON NOVA

Estação Seca

dramaturgia de **Phia Ménard** e **Jean-Luc Beaujault**

TEATRO MUNICIPAL JOAQUIM BENITE

FAMILIE FLÖZ

Dr. Nest

De <mark>Anna Kistel, Benjamin Reber, Björn Leese, Fabia</mark>n Baumgarten, Hajo Schüler, Mats Suethoff e Michael Vogel Direcção de Hajo Schüler

ESCOLA D. ANTÓNIO DA COSTA

FIBA E INSTITUTO FRANCÊS NA ARGENTINA

País clandestino

Uma criação de Florencia Lindner, Jorge Eiro, Lucía Miranda, Maëlle Poésy e Pedro Granato

FÓRUM ROMEU CORREIA

VISJONER TEATER

Joana d'Arc

De **John Morrow** e **Juni Dahr** Ter. 16 > 18h30 SEMINÁRIO DE SÃO PAULO

COMPAGNIE 1ER TEMPS E COMPAGNIE ABC

Do aue é aue somos feitos?!

De Andréya Ouamba | Encenação de Catherine Boskowitz

ESCOLA D. ANTÓNIO DA COSTA

COMPANHIA NACIONAL DE BAILADO

Quinze bailarinos e *tempo* incerto

De João Penalva e Rui Lopes Graça

TEATRO MUNICIPAL JOAQUIM BENITE

TEATRO MERIDIONAL

Feira dell'Arte

De **Mário Botequilha** | Encenação de **Miguel Seabra**

ESCOLA D. ANTÓNIO DA COSTA





















































